

SAUDADES DO MANUEL ANTÓNIO

por Manuel Alberto Valente

O Café Orfeu, junto à Rotunda da Boavista, foi, no início dos anos 60 do século passado, um dos centros da agitação política e cultural que aos poucos se ia infiltrando na juventude do Porto. Foi seguramente aí que conheci o Manuel António Pina, no meio de um grupo numeroso de gente que se viria a destacar nos mais diversos campos de actividade: entre outros, o Júlio Gago, o José Barrias, o Jorge Ginja, o João Luiz (que viria a fundar o grupo de teatro “Pé de Vento”), a Milice Ribeiro dos Santos, o Quico Castro Neves ou o então muito jovem Manuel Resende. Mas foi mais tarde, na casa da Rua dos Abraços onde morava a sua então namorada Maria das Dores, que a nossa amizade se fortaleceu. Todas as noites, depois do jantar, aí nos reuníamos em animadas tertúlias, de que fazia parte também o Eduardo Guerra Carneiro, que à época era indiscutivelmente o poeta do grupo.

Eu vivia na altura em casa dos meus pais, a pouca distância, o que fazia com que fosse quase sempre o primeiro a chegar. O Manuel António começou a não gostar que isso acontecesse e um dia, num acesso de ciúmes, acusou-me de intenções que eu não tinha e desafiou-me a irmos lutar para a rua. Mas a luta não era realmente o nosso forte: limitámo-nos a tentar dar bofetadas um ao outro, até que nos separaram e obrigaram a fazer as pazes, intactos, felizmente, os óculos que ambos usávamos.

Em 1966 publiquei o meu primeiro livro de poesia, “Cartas para Elina”, a expensas próprias, mas incluído numa colecção chamado “espaço”, de que já

constavam o segundo livro do Eduardo Guerra Carneiro, “Corpo Terra”, e o volume “Peças em um acto duas”, uma do Pina, “Gaudeamus Igitur”, e a outra, “Mutatis Mutandis”, do precocemente falecido Francisco Cordeiro, que era irmão da realizadora Margarida Cordeiro e cunhado, portanto, do poeta e cineasta António Reis.

Frequentando ambos a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (o Manuel António sempre como aluno voluntário), muitas vezes preparámos juntos algumas cadeiras e recordo o cuidado com que ele sublinhava as sebatas, utilizando sempre uma pequena régua, que lhe servia também para escrever, emprestando à sua caligrafia um rigor linear estranho e inconfundível.

Quando em 1970 publiquei o meu segundo livro, “Viola Interdita”, nele se anunciava o primeiro livro do Pina, “Ainda não é o fim nem o princípio do mundo calma é apenas um pouco tarde”, que na realidade só viria a sair alguns anos depois na Editora “A Regra do Jogo”.

Com a minha transferência para a Faculdade de Direito de Lisboa, os nossos contactos tornaram-se inevitavelmente menos frequentes. E mesmo depois, quando por motivos profissionais passei alguns anos no Porto, já os nossos caminhos se tinham separado e foram escassos os momentos de reencontro. Foi pois à distância que assisti à sua progressiva afirmação como poeta e cronista, mas longe ainda de imaginar que aquele com quem “lutara” na Rua dos Abraços viria a ser Prémio Camões e um dos mais importantes poetas da minha geração.

Relembro-o hoje com admiração e ternura. A sua ironia acutilante, a sua hipochondria militante (que o levava a viajar sempre com uma mala de medicamentos), o seu amor pelos gatos, esse olhar de menino-grande que aflorava por trás dos óculos sem aros. Ainda hoje, quando vou ao Porto e entro no “Convívio”, foge-me o olhar para a mesa onde sempre se sentava, esse companheiro de sonhos juvenis que, ao contrário de muitos de nós, aprendeu “como se desenha uma casa”.

Manuel Alberto Valente

Setembro de 2022